

Introdução

Josie Agatha Parrilha da Silva
Marcos Cesar Danhoni Neves
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, J. A. P., and NEVES, M. C. D. N., eds. Introdução. In: *Imagem: diálogos e interfaces interdisciplinares* [online]. Maringá: EDUEM, 2021, pp. 21-26. ISBN: 978-65-86383-89-8. <https://doi.org/10.7476/9786587626079.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

O livro nasceu da ideia desenvolvida por docentes do Grupo de Pesquisa INTERART – *Interações entre Arte, Ciência e Educação: Diálogos e Interfaces nas Artes Visuais* – com a intenção de estabelecer diálogos sobre o tema ‘imagem’ entre diferentes áreas do conhecimento. A articulação do tema se deu mediante a atuação dos professores/pesquisadores, tanto em suas histórias de vida acadêmica quanto em suas ações inter ou transdisciplinares no ensino, pesquisa e extensão realizadas em suas Instituições.

A ‘imagem’ se faz presente de forma significativa no cotidiano humano e a pesquisa em torno dela possibilita novas formas de comunicação, interpretações e estéticas diferenciadas, fundamentadas em teorias e práticas que requerem um domínio visual próprio e a busca ininterrupta por sentidos definidores que possam dialogar com diferentes áreas. Deste modo, o estudo e a análise da ‘imagem’ são tema transversal às discussões dos fundamentos e estudos críticos que propiciem a ampliação do universo da pesquisa científica em suas inúmeras interfaces com o conhecimento sistematizado.

Autores que discutem o tema ‘imagem’, como Bredekamp (2015¹), apontam que o século XX foi o século das ‘Imagem’, no sentido da ampliação de seu uso. Mais que só o uso, nas últimas décadas do século XX houve aumento, também, de estudos teóricos sobre essa importante temática. Concordando com autores da área, acrescentamos que o século XXI é o século dos ‘estudos sobre’ ‘imagens’, ou seja, da reconstrução filosófica e epistemológica da ‘imagem’ na busca por compreendê-las no longo processo histórico humano.

Essa busca por organização teórica pode ser observada na ampliação de publicações sobre o tema. Souza, Rego e Gouvea (2010), ao analisarem artigos publicados entre 1998-2007, observaram um aumento significativo de temas ligados ao estudo da ‘imagem’ no Ensino de Ciências. As autoras estão realizando uma nova pesquisa sobre o período de 2008 a 2018 e o número de estudos ampliou-se ainda mais (o material ainda não foi publicado, mas, em contato com as autoras, tivemos acesso à parte dos dados). Exemplificamos esta ampliação de estudos sobre o tema em uma área de conhecimento, a de Ensino de Ciências, que, apesar de usar com muita frequência as imagens, não dispõe de uma tradição de analisá-las, diferentemente do

1 Cito apenas uma de suas poucas publicações em português, *Teoria do Acto Iconico*, pois a maioria encontra-se em inglês e alemão. Ver resenha em Pessi e Pessi (2018).

que observamos em áreas como: Artes Visuais, História, Letras, Jornalismo, Geografia, Design e Arquitetura, nas quais há uma ampliação ainda mais evidente. Na última década, observamos a multiplicação de eventos, grupos de pesquisa e linhas de pesquisas que discutem o tema ‘imagem’ (Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, Lattes, CNPq, 2020)². Um exemplo de evento importante é Encontros Nacionais de Estudos da Imagem (Eneimagem)³, realizado no estado do Paraná, pela Universidade Estadual de Londrina, desde 2007 (o evento é bianual e tornou-se internacional).

Diante desse universo de pesquisas, estudos e eventos, este livro não tem a pretensão de explorar de forma ampla uma determinada área ou um referencial teórico sobre o tema, mas sim propiciar o diálogo entre pesquisadores que estão realizando estudos/pesquisas sobre a ‘imagem’ com referenciais que pautam nossas discussões acerca do tema.

Entre nossos referenciais nacionais mencionamos Fayga Ostrower. Artista e pesquisadora, é uma referência para a área de Artes Visuais, cuja obra mais conhecida é o livro *Criatividade e Processos de Criação*, publicado pela primeira vez em 1977, mas que continua atual para todos aqueles que se aventuram nesse campo de estudos. Já entre nossos referenciais internacionais, optamos por trazer a discussão da ‘imagem’ por intermédio de dois pesquisadores contemporâneos que atuam no espaço universitário: Horst Bredekamp e Klaus Sachs-Hombach.

Professor na Universidade Humboldt de Berlim, membro permanente do Instituto de Estudos Avançados de Berlim e Presidente do Laboratório Interdisciplinar Imagem, Conhecimento e Forma, Bredekamp desenvolve pesquisas relacionadas à ‘imagem’. Entre suas obras, uma das poucas traduzidas para o português é *Teoria do Acto Icónico*, que aborda um estudo teórico sobre o tema ‘imagem’. No livro, Bredekamp faz uma reflexão sobre os significados das imagens no decorrer de diferentes períodos históricos, chegando à contemporaneidade, quando o autor destaca a relação histórica da ‘imagem’ com a construção e reconstrução da visão dos outros sobre o mundo e sobre as próprias imagens (Bredekamp, 2015). Sachs-Hombach é professor da Universidade de Tuebingen (também na Alemanha) e Diretor Adjunto da Sociedade para a interdisciplinaridade da Ciência da Imagem (*Gesellschaft für Interdisziplinäre Bildwissenschaft – GIB*⁴). Esse grupo realiza importantes discussões sobre o tema. Destacamos aqui a proposta dessa Associação de promover uma ‘ciência interdisciplinar da imagem’, em especial por meio da organização de campos de estudo interessados nessa área, bem como pelo incentivo ao desenvolvimento constante de metodologia e métodos para uma ciência interdisciplinar da ‘imagem’.

2 Numa busca restrita à região sul, ao pesquisarmos Grupo de pesquisa – CNPq, encontramos 25 grupos com o termo ‘imagem’ no título e 27 que têm ‘imagem’ em suas linhas de pesquisa.

3 Ver http://www.uel.br/cch/his/ledi/ledi2015/?page_id=57.

4 Ver <http://www.gib.uni-tuebingen.de/gib/wissenschaftliche-offentlichkeit-2>.

O objetivo do presente livro é, portanto, estabelecer um diálogo sobre o tema ‘imagem’ entre referenciais nacionais, referenciais alemães e os estudos de pesquisadores/professores de nosso grupo de pesquisa e de alguns convidados. Um diálogo interdisciplinar sobre o tema ‘imagem’, essa foi a gênese deste trabalho intitulado *Imagem: Diálogos e Interfaces Interdisciplinares*.

O próprio conceito de ‘imagem’ se apresenta de forma diferenciada em cada um destes textos. Essa aparente indefinição enriquece a proposta, pois a definição acaba por enclausurar a criatividade e a capacidade discursiva e interpretativa a respeito da imagem. Sendo assim, nossa opção foi deixar em aberto e em construção a definição de ‘imagem’, para que o próprio leitor possa construí-la e reconstruí-la no decorrer dos capítulos.

Organizamos os capítulos dos livros em quatro seções: Parte I – Imagem e Percepção; Parte II – Imagem e Estudos Interdisciplinares; Parte III – Estudos de Imagens na relação Arte x Ciência; e Parte IV – Estudos de Imagens Fotográficas e do Cinema.

A Parte I, *Imagem e Percepção*, foi organizada a partir do entendimento de que a percepção é um processo complexo e, portanto, ao relacionar percepção e ‘imagem’, é importante compreender a *imagem* como uma representação visual e mental. Incluímos aqui a discussão de uma importante pesquisadora brasileira que trata da ‘imagem’ relacionada à percepção: Fayga Ostrower aborda a representação visual no capítulo 1, intitulado *A construção do olhar*.

A Parte II, *Imagem e Estudos Interdisciplinares*, apresenta reflexões sobre ‘imagem’ a partir de discussões interdisciplinares. Em especial aquelas realizadas na Alemanha, pelo estudioso, reconhecido mundialmente pelo seu trabalho com ‘imagem’, Horst Bredekamp e, também, por Klaus Sachs-Hombach, Vice-Presidente do GIB. Os capítulos que compõem essa segunda parte são: capítulo 2 – *Conversando sobre a imagem como ato icônico: entrevista com Horst Bredekamp*, de Anderson Pedro Laurindo e Marcos Cesar Danhoni Neves; e capítulo 3 – *Argumentos a favor de uma ciência geral da imagem*, de Klaus Sachs-Hombach.

Na Parte III, *Estudos de Imagens na relação Arte x Ciência*, reunimos três pesquisas que discutem as imagens da Arte em sua relação com outras áreas de conhecimento: a Astronomia, a Geografia e imagens de ilustrações científicas consideradas como produção artística, demonstrando a relação existente entre Arte e Ciência nas imagens. Compõem a parte III os capítulos 4, 5 e 6, respectivamente: *Domenico Cresti (Passignano) e a representação imagética da lua galileana*, de Josie Agatha Parrilha da Silva e Marcos Cesar Danhoni Neves; *Geografias e a Arte da Pintura: agenciamentos Vermeer-Espinosa*, de Cláudio Benito Oliveira Ferraz; e *As imagens dos estudos observacionais de Maria Sibylla Merian (1647-1717) no Ensino de Ciências*, de Elaine Ferreira Machado e Awdry Feisser Miquelin.

Na Parte IV, *Estudos de Imagens Fotográficas e do Cinema*, reunimos pesquisas que trabalham com imagens fotográficas, duas ligadas a imagens fixas e uma que relaciona

fotografia com cinema. Compõem essa parte os capítulos: 7 – *Arte & Fotografia em movimento perpétuo*, de Patricia Camera; 8 – *A Força e o sentido da fotografia de Oded Balilty*, de Carlos Alberto de Souza e Letícia Dovhy; e 9 – *Cinema: elementos constituintes da imagem em movimento*, de Nelson Silva Júnior.

Os capítulos apresentados têm como foco central a ‘imagem’ e expõem diferentes visões e metodologias em suas discussões. Essa diferenciação é fundamental para nossa proposta, pois abarca diferentes possibilidades de análises sobre o tema. Compartilhamos algumas reflexões de Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 20, grifo nosso):

Em *Notas de um método*, María Zambrano refere-se a uma **metafísica para a experiência**, assinalando a peculiaridade de um **método-caminho** que transite entre a experiência da pluralidade e da incerteza, experiência que hoje a educação deve encorajar, estabelecendo uma relação direta com a revelação da multiculturalidade das sociedades no *âmbito* da planetarização.

Nessa discussão sobre método, que teoricamente deveria ser mais hermética, observamos a possibilidade de uma abertura para novos caminhos. Concordamos com esse entendimento de que é necessário apresentar possibilidades de metodologias, experiências e pesquisas na busca de novos conhecimentos. Se continuarmos presos às tradições e métodos rígidos, nossas pesquisas pouco contribuirão para a pluralidade vivenciada da contemporaneidade.

Importante destacar que cada área de conhecimento conta com distintas concepções e formas de abordar a ‘imagem’. Tal pressuposto justifica as diferentes metodologias adotadas no decorrer dos capítulos do livro. Na estrutura da obra apresentaremos, de um lado, distintas metodologias provenientes de diferentes áreas e, de outro, novas possibilidades de refletir crítica, teórica e metodologicamente sobre estudos, pesquisas e produções ligados à ‘imagem’.

Umberto Eco, no ano de 1963, ao participar de um Congresso intitulado ‘O mundo de amanhã’ na Universidade de Perugia, reporta-se à imagem do ‘homem de amanhã’. O autor apresenta a citação de Platão, em *Fedro*, sobre o faraó Thamus, que, ao receber a proposta de escrita pelo deus Theut, não aceitou a ideia de que a escrita trazia apenas benefícios para a humanidade, pois ela poderia atrapalhar a capacidade de interiorizar o saber na memória, entre outras coisas. Para Eco, o faraó cometeu um erro que muitas vezes cometemos diante de algo novo: incapazes de redefinir a ‘imagem’ de homem que temos, ficamos presos ao modelo do antigo homem. Eco continua:

Hoje, quando tentamos elaborar uma imagem de um **homem de amanhã**, caímos voluntariamente nesse equívoco, diante da

irrupção de fatos tecnológicos novos, tratamos de confrontá-los à nossa imagem do homem (deduzindo daí a negatividade dos fatos tecnológicos em questão, na medida em que parecem contrários a esta imagem), sem pensar que, ao contrário, os fatos tecnológicos novos modificam radicalmente a imagem do homem. E é justamente a essa nova imagem (para a qual concorreram) que devem ser confrontadas, pelo menos se pretendemos realizar uma pesquisa que nos habilite a definir e enfrentar a situação histórica (ECO, 2016, p. 260, grifo nosso).

Enfim, ao se pensar esse *homem de amanhã*, temos que estar conscientes que essa *imagem* não está bem definida. Eco (2016, p. 264, grifo nosso) sugere ainda:

[...] para poder justamente desenvolver um discurso **filosófico** a respeito de um mundo de amanhã, considero que o primeiro passo a ser dado é exatamente o de uma pesquisa interdisciplinar que, reduzindo os vários fenômenos a modelos descritivos, possa então permitir a identificação de similaridades estruturais entre eles e a partir daí proceder ao estabelecimento das relações mais profundas entre os vários fatos, com o objetivo de reconhecer os esboços de um novo panorama antropológico, para a qual será preciso instituir quadros de valores, parâmetros à lua dos quais consiga sustentar racionalidade, humanidade, espiritualidade, positividade de comportamentos humanos que hoje poder parecer aberrantes justamente porque ainda não estamos de posse de um quadro referencial adequado.

Depois de algumas décadas dessa fala de Eco sobre o mundo de amanhã, ainda não temos um quadro teórico definido sobre o nosso mundo presente. Porém, o autor já apresentava como proposta a questão de inquirirmos os conhecimentos mediante o desenvolvimento de ‘pesquisas interdisciplinares’. É esse o caminho que trilhamos aqui e que compartilhamos com os leitores. Pretendemos, então, proporcionar um diálogo interdisciplinar sobre a imagem; diálogo esse que possibilite a construção de conhecimentos que superem as fronteiras disciplinares.

Ao discorrermos sobre a ‘imagem’ nos vêm à mente a necessidade da visão e da observação. A partir desse entendimento, reportamo-nos a Plínio, que, na Antiguidade clássica, escreveu que “[...] a mente é o verdadeiro instrumento da visão e da observação: os olhos funcionam como uma espécie de veículo, que recebe e transmite a porção visível da consciência” (Gombrich, 2007, p. 12). A partir de Plínio, convidamos os leitores a utilizarem esse ‘veículo’, seus olhos, mas a deixarem o verdadeiro instrumento da visão, a mente, guiá-los pelas imagens e textos que apresentaremos no decorrer dos capítulos.

Boa leitura!

Referências

- BREDEKAMP, H. **Teoria do acto icónico**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: KKYM, 2015.
- DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL. Portal: Lattes. CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- ECO, U. **A definição de arte**. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**. Tradução de Sandra T. Valenzuela. Revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.
- PESSI, D.; PESSI, I. G. A imagem em ato. Resenha. **Em Aberto**, v. 31, n. 103, p. 217-222, 2018. Disponível em: <http://rbepold.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/4170>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- SOUZA, L. H. P.; REGO, S. C. R.; GOUVEA, G. A imagem em artigos publicados no período 1998-2007 na área de educação em ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 12, n. 3, p. 85-100, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epec/v12n3/1983-2117-epec-12-03-00085.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.